



Revista
Educar Mais

Prevalência e manifestações do bullying no ensino secundário: um estudo com alunos moçambicanos

Prevalence and manifestations of bullying in secondary education: a study of mozambican students

Prevalencia y manifestaciones del bullying en la educación secundaria: un estudio con estudiantes mozambiqueños

Elias Fundice¹ 

• Silvina Américo Fernandes² 

RESUMO

O bullying escolar é amplamente reconhecido como um grave problema psicossocial com consequências negativas substanciais para os alunos. Apesar de ser alvo de ampla investigação nos países desenvolvidos, continua subinvestigado em Moçambique. Neste artigo, avaliou-se a prevalência do bullying e as suas manifestações num grupo de alunos do ensino secundário em Moçambique. A amostra do estudo foi composta por 271 alunos do 8^o, 9^o e 10^o anos, provenientes das escolas secundárias da Cidade de Montepuez, na região norte de Moçambique. As análises indicaram uma prevalência global de bullying de 69,4% nos últimos meses. Todos os alunos do grupo foram, de alguma forma, expostos a situações de bullying. A taxa de agressores foi de 39,5%, enquanto a de espectadores/testemunhas alcançou 50,2%. Os meninos apresentaram uma maior probabilidade de serem agressores e espectadores do que as meninas. Os alunos do 9^o ano, com uma média de 15,4 anos, apresentaram um envolvimento mais significativo em atos de bullying do que os colegas do 8^o ano (14,0 anos) e do 10.^o ano (16,1 anos). A idade mais jovem diminuiu o envolvimento em atos de bullying. Em relação à estrutura familiar, os alunos de famílias com mais irmãos e os que vivem com uma mãe solteira tiveram maiores probabilidades de serem agressores e vítimas, respectivamente. Não foram constatadas diferenças significativas na ocorrência de bullying entre os alunos de escolas urbanas e periurbanas. Em conjunto, os resultados demonstram que o bullying é uma prática frequente no contexto escolar, apontando para a necessidade de práticas educativas voltadas para a sua redução e prevenção.

Palavras-chave: Bullying; Prevalência; Ensino Secundário; Moçambique.

ABSTRACT

School bullying is widely recognized as a serious psychosocial problem with significant negative consequences for students. Although it has been the subject of extensive research in developed countries, it remains understudied in Mozambique. This article examines the prevalence of bullying and its manifestations in a group of secondary school students in Mozambique. The study sample consisted of 271 8th, 9th, and 10th grade students from secondary schools in the City of Montepuez, located in the northern region of Mozambique. Analyses revealed an overall prevalence of 69.4% of bullying in the last few months. All students in the group had been exposed to some form of bullying. The rate of aggressors was 39.5%, while the rate of bystanders/witnesses was 50.2%. Boys were more likely to be aggressors and bystanders than girls. Students in 9th grade, with a mean age of 15.4 years, were more significantly involved in bullying than their peers in 8th grade (14.0 years) and 10th grade (16.1 years). Younger age decreased involvement in bullying. In terms of family structure, students from families with more siblings and those living with a single mother were more

¹ Licenciado em Psicologia Escolar, Mestre em Educação/Psicologia Educacional e Docente da Universidade Rovuma, Montepuez – Moçambique. E-mail: eliasfundice@gmail.com

² Graduada em Psicologia Educacional com Habilitações em intervenção de Desenvolvimento Humano e Aprendizagem e Psicóloga na Médicos sem Fronteiras, Montepuez – Moçambique. E-mail: silvinaamericojose@gmail.com

likely to be aggressors and victims, respectively. There were no significant differences in the occurrence of bullying between students from urban and peri-urban schools. Taken together, the results indicate that bullying is a common practice in the school context and point to the need for educational practices aimed at reducing and preventing it.

Keywords: *Bullying; Prevalence; Secondary Education; Mozambique.*

RESUMEN

El bullying escolar es ampliamente reconocido como un gran problema psicosocial con consecuencias negativas sustanciales para los alumnos. A pesar de que se ha investigado mucho sobre él en los países desarrollados, en Mozambique todavía se ha investigado poco. En este artículo se evaluó la prevalencia del bullying escolar y sus manifestaciones en un grupo de estudiantes de enseñanza secundaria de Mozambique. La muestra del estudio estuvo compuesta por 271 alumnos de 8.º, 9.º y 10.º grados de escuelas de la ciudad de Montepuez, en el norte de Mozambique. Los análisis indicaron que la prevalencia global del bullying escolar fue del 69,4 % en los últimos meses. Todos los alumnos del grupo habían estado expuestos de alguna manera al acoso. El 39,5 % eran agresores, mientras que el 50,2 % eran espectadores/testigos. Los chicos demostraron una mayor probabilidad de ser agresores y espectadores en comparación con las chicas. Los alumnos de 9.º grado, con una media de 15,4 años, presentaron mayor implicación en actos de bullying que los compañeros de 8.º grado (14,0 años) y de 10.º grado (16,1 años). El alumno de menor edad mostró menor implicación en experiencias de acoso. En cuanto a la estructura familiar, los estudiantes de familias con más hermanos y los que vivían con una madre soltera tenían más probabilidades de ser agresores y víctimas, respectivamente. No se constataron diferencias significativas en la incidencia del bullying entre los alumnos de centros urbanos y periurbanos. Tomados en conjunto, los resultados demuestran que el bullying es una práctica frecuente en el contexto escolar, lo que subraya la necesidad de aplicar medidas educativas dirigidas a reducir este tipo de violencia.

Palabras clave: *Bullying escolar; Prevalencia; Educación Secundaria; Mozambique.*

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, têm-se observado casos de agressões, sofrimento, angústia e maus-tratos no cotidiano escolar (Olweus, 1994). Essas situações podem passar despercebidas ou ser consideradas normais pela comunidade escolar, como uma simples brincadeira. Alguns inclusive acreditam que tais comportamentos contribuem para tornar a criança ou o aluno mais resiliente e emocionalmente desenvolvido (Fante, 2005). No entanto, a verdade é que tais comportamentos podem prejudicar a aprendizagem, o interesse em estudar e o ambiente educativo como um todo (Eyuboglu et al., 2021; Wang, 2022). Por esse motivo, a literatura classifica esses comportamentos como bullying ou violência escolar.

As práticas de bullying são intencionais e repetitivas, realizadas individualmente ou em grupo, com o propósito de agredir os colegas na presença de espectadores que testemunham a violência (Olweus; Limber, 2010), podendo causar sofrimento intenso a ponto de influenciar o comportamento suicida (Pengpid; Peltzer, 2020). Assim, o bullying se difere de outras formas de violência escolar por sua natureza sistemática e desigual entre os envolvidos, caracterizada por um desequilíbrio de poder percebido ou observado entre a vítima e o agressor, com a presença de espectadores (Cano-Echeverri; Vargas-Gonzalez, 2018; Olweus, 2013).

Segundo a literatura especializada nessa temática, existem duas formas distintas de bullying: o bullying tradicional e o cyberbullying (Chu et al., 2019). O bullying tradicional geralmente ocorre presencialmente e pode envolver agressão física, insultos verbais, zombaria, exclusão social, agressão relacional ou outros comportamentos (Wolke et al., 2000). O cyberbullying é uma forma relativamente

recente de bullying que inclui comportamentos agressivos por meio de recursos eletrônicos ou digitais por parte de indivíduos, ou grupos que geralmente permanecem anônimos (Eyuboglu et al., 2021; Jadambaa et al., 2019). Independentemente da forma como se manifesta, o fato é que o bullying é um problema significativo e tem consequências negativas para os indivíduos envolvidos (Pengpid; Peltzer, 2020).

No que se refere ao comportamento adotado frente ao bullying, os indivíduos podem desempenhar três papéis fundamentais: agressor(a), vítima e espectador(a) ou testemunha. Os agressores costumam ter a habilidade de manipular os outros, sendo frequentemente os mais populares ou fisicamente fortes (Fante, 2011). Por outro lado, as vítimas são alvo de perseguições sem uma razão clara ou aparente, enfrentando situações de constrangimento, humilhação e hostilidade. Elas tendem a apresentar traços como timidez, frequente falta à escola, dificuldades em se afirmar e autoimagem negativa (Manzini; Branco, 2017). Além disso, um indivíduo que é agredido por colegas pode também reagir com agressão como forma de autoproteção. Nesse caso, ele se torna vítima-agressor, e o indivíduo que o agrediu se torna agressor-vítima (Lopes Neto, 2011). Os espectadores são os observadores, ou seja, aqueles que presenciam, reforçam, defendem as vítimas, evitam ou ignoram os atos de bullying (Salmivalli et al., 1996).

Os estudos que avaliam a prevalência de atos de bullying geralmente indicam altas taxas de incidência entre os adolescentes (Aboagye et al., 2021; Eyuboglu et al., 2021; Jadambaa et al., 2019; Pengpid; Peltzer, 2020). Num estudo de metanálise conduzido por Jadambaa et al. (2019), que procurou estimar a prevalência agrupada do bullying quanto à vitimização e à agressão num intervalo de 12 meses, ficou evidenciado que cerca de 15% dos adolescentes foram vítimas e 5% foram agressores. De acordo com esse estudo, os adolescentes que relataram já ter sido vítimas ou agressores no passado tendiam a permanecer nessa situação ao longo da vida. Um estudo recente de Aboagye et al. (2021), que utilizou dados do Global School-based Health Survey (GSHS) de 2010 a 2017, analisou a prevalência do bullying em uma amostra de 25.454 alunos de onze países da África Subsaariana, cujos resultados apontaram uma taxa média de prevalência de 38,8%. Entre os países avaliados, a taxa mais baixa observada foi de cerca de 22%, e a mais alta, de quase 55%. Além disso, Eyuboglu et al. (2021) estudaram, em uma amostra de 6.202 estudantes do ensino primário e secundário, a frequência de envolvimento (vítima, agressor ou agressor-vítima) em atos de bullying. De acordo com os resultados do estudo, a prevalência de bullying foi de 33%, e esse comportamento foi associado à ansiedade, depressão, dificuldades psicossociais e automutilação.

A pouca investigação realizada em Moçambique sobre a temática relata estimativas altas de experiências de bullying. A respeito, no estudo conduzido por Pereira (2016), os professores relataram que os atos de bullying mais praticados pelos alunos do ensino secundário envolviam agressões com armas brancas, ofensas morais, rotulações, insultos, ameaças, associados ao consumo de álcool e drogas, negligência familiar e violência doméstica. Recentemente, Peltzer e Pengpid (2020), ao analisar os dados do Global School-based Health Survey (GSHS) de Moçambique de 2015 em uma amostra de 1.918 alunos do ensino médio, verificaram uma prevalência de bullying de 45,5%. Esse dado indica que quase metade dos alunos relataram ter experienciado atos de bullying. Ainda de acordo com os autores, a vitimização frequente por bullying (3–30 dias/mês) foi de 13,4%. Em outros estudos, foram apontadas consequências prejudiciais das experiências de bullying, como tentativas de suicídio (Peltzer; Pengpid, 2020) e evasão escolar (Seidu, 2019) em adolescentes escolares de Moçambique.

A investigação tem constatado que a manifestação do bullying pode variar em função de diversas variáveis sociodemográficas, como o sexo, a idade, a localização da escola, o clima escolar e o tamanho da família. Vários estudos mostraram que os meninos são mais propensos a envolver-se em atos de bullying do que as meninas (Chu et al., 2019; Eyuboglu et al., 2021; Fenny; Falola, 2020; Galal et al., 2019; Malta et al., 2019). No entanto, outros estudos chegaram a conclusões opostas, indicando as meninas como as mais envolvidas no bullying (Gomes et al., 2022; Silva et al., 2020). Geralmente, aponta-se que existem diferenças entre os meninos e as meninas no que diz respeito ao tipo de bullying praticado e sofrido. Enquanto os meninos são mais propensos a praticar e sofrer agressões físicas (Silva et al., 2020), as meninas enfrentam mais agressões verbais e indiretas, caracterizadas por insultos, fofocas, nomes pejorativos e atenção dada a comentários negativos (Gomes et al., 2022; Naveed et al., 2020).

Considerando a idade, os estudos demonstraram que a ocorrência de bullying tende a diminuir à medida que os alunos avançam nos anos escolares (Galal et al., 2019; Merrill; Hanson, 2016). Ou seja, os casos de vitimização por bullying convencional são menos frequentes em alunos mais velhos nos anos finais do ensino secundário (Malta et al., 2019; Peltzer; Pengpid, 2020). Além disso, o ensino secundário, sobretudo os anos intermediários, ainda apresenta uma prevalência elevada de envolvimento em situações de bullying. A faixa etária entre 12 e 15 anos tem sido apontada como a mais propensa a ser vítima ou agressora (Aboagye et al., 2021; Peltzer; Pengpid, 2020).

Quanto à associação entre os comportamentos de risco de bullying e as características da escola, como o seu clima e a sua localização, as evidências científicas sugerem que a exposição dos alunos a situações hostis na vizinhança pode estimular a imitação de tais comportamentos na sua experiência escolar (Sousa et al., 2019). Por exemplo, sabe-se que viver em um bairro seguro, com menos incidentes de violência, pode inibir comportamentos de intimidação entre os alunos. De fato, a associação com amigos delinquentes pode criar oportunidades e reforçar o comportamento delinvente (Fenny; Falola, 2020). Consequentemente, um clima escolar seguro contribui para que os alunos desenvolvam uma percepção positiva sobre a escola, diminuindo a sua preocupação em ser vítima, o absentismo e a evasão escolar, o consumo de drogas e aumentando a probabilidade de envolvimento em atividades escolares (Fenny; Falola, 2020; Sousa et al., 2019). Além disso, parece haver diferenças nos padrões de bullying entre escolas rurais e urbanas, bem como entre alunos internos e externos. Alguns estudos apontam que as escolas rurais tendem a apresentar taxas mais elevadas de bullying do que as escolas em áreas urbanas (Galal et al., 2019; Romão; Coelho, 2020; Wang et al., 2022), enquanto outros constataram o inverso (Sousa et al., 2019). Por outro lado, os alunos internos (que vivem nas instalações da escola) tendem a apresentar uma maior incidência de bullying do que os externos (que não moram na escola) (Chui; Chan, 2015; Fenny; Falola, 2020; Wang, 2022), o que pode ser explicado pela interação constante entre os alunos que vivem na escola, criando mais oportunidades para a ocorrência de incidentes de bullying.

A literatura tem apontado que as características familiares, como o tamanho e a composição familiar, podem estar relacionadas com o bullying (Galal et al., 2019; Silva et al., 2021; Wang et al., 2022). Estas condições podem afetar o desenvolvimento do autocontrole das crianças, o que pode resultar em comportamentos delinquentes. Por exemplo, uma comunicação aberta e afetuosa na família promove um ambiente familiar positivo e ajuda os adolescentes a sentirem-se parte integrante da família, aceites e capazes de agir, protegendo-os, direta e indiretamente, de situações de bullying na escola (Cerezo et al., 2018). Por outro lado, a comunicação ofensiva, a rudeza verbal, os castigos físicos e psicológicos estão geralmente associados a um ambiente familiar ruim, dificultam o

desenvolvimento geral, especialmente os processos de regulação emocional, e estimulam a desregulação emocional e o comportamento agressivo (Nuñez-Fadda et al., 2020; Saleh et al., 2021; Silva et al., 2021).

Embora existam diversos estudos sobre o bullying em vários países, em Moçambique ainda há lacunas no conhecimento sobre o fenômeno, que necessitam de ser exploradas em relação à sua definição conceitual, à sua metodologia de avaliação e à sua população estudada. Tal como acontece ao nível internacional, não existe uma única forma padronizada de medir o bullying para estimar a sua prevalência com base em métodos de autorrelato (Thomas et al., 2015). Por exemplo, os instrumentos utilizados variam em termos do período de referência (por exemplo, últimos 12 meses ou final do ano letivo), bem como nas opções de resposta, no limite de frequência empregado para classificar casos de bullying e no tipo de envolvimento dos indivíduos.

Com o objetivo de contribuir para a literatura nacional sobre esta temática, o presente estudo teve como objetivo avaliar a prevalência do bullying entre alunos do ensino secundário das escolas da cidade de Montepuez, na região norte de Moçambique. Neste sentido, adotou-se a definição de bullying mais comumente aceite (Olweus, 1993, 2013) e incluíram-se três tipos de envolvimento/papéis neste fenômeno: agressor(a), vítima e espectador(a). Em seguida, foram analisadas as experiências de envolvimento em bullying, considerando o sexo, o ano escolar, a idade, a estrutura familiar e a origem escolar (urbana e periurbana).

2. MÉTODO

O presente estudo adotou um desenho de corte transversal e foi realizado em escolas secundárias da cidade de Montepuez, na Província de Cabo Delgado, na região norte de Moçambique. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quantitativa, que considerou o tamanho da amostra, os instrumentos utilizados e os procedimentos de análise de dados. Esse enfoque possibilitou a análise da magnitude da ocorrência do bullying e a identificação das variáveis associadas aos papéis de agressor(a), vítima e espectador(a).

2.1. Participantes

A amostra do estudo foi composta por 271 alunos adolescentes do ensino secundário, sendo 139 (51,3%) do sexo masculino e 132 (48,7%) do sexo feminino. Eles tinham idades entre 12 e 23 anos, com média de idade de 15,1 anos (DP=1,6). A distribuição dos anos escolares e das respectivas idades médias foi de 35,1% no 8º ano (M=14,0; DP=0,6), 32,8% no 9º ano (M=15,4; DP=1,9) e 32,1% no 10º ano (M=16,1; DP=1,6). A amostra foi selecionada por conveniência e conforme a acessibilidade, proveniente de todas as escolas secundárias da cidade de Montepuez, Província de Cabo Delgado, na região norte de Moçambique. Das três escolas que compuseram a amostra, duas estavam localizadas na zona periurbana. A maioria dos alunos (66,4%) estudava em escolas situadas nessa região. Os alunos moravam com ambos os pais (35,4%), somente com a mãe (21,8%), somente com o pai (19,2%) ou não moravam com nenhum dos pais (20,7%), e eram oriundas de famílias com um a dois irmãos (28,8%), três a cinco irmãos (38,0%) e mais de cinco irmãos (31,4%).

2.2. Instrumento

Para obter informações sobre a ocorrência de comportamentos de bullying escolar na nossa amostra, utilizou-se o Questionário para o Estudo da Violência entre Pares (Freire et al., 2006), adaptado para este estudo. Trata-se de um questionário que permite identificar e caracterizar alunos agressores, vítimas e espectadores. Para os fins deste estudo, sua apresentação foi reestruturada, alterando-se o formato de resposta de "Sim/Não" para tipo Likert de 3 pontos (1 = nunca; 2 = uma ou duas vezes; 3 = várias vezes). Além disso, algumas adaptações foram feitas em alguns itens para adequar sua semântica à língua portuguesa falada em Moçambique. O questionário apresenta uma seção para coletar informações sociodemográficas dos alunos. Em essência, pede-se aos alunos que avaliem com que frequência experimentaram e presenciaram cada um dos onze comportamentos de bullying nos últimos dois meses. Foram utilizados os blocos do questionário que identificam agressores, vítimas e espectadores. Cada bloco tem 11 itens que traduzem situações de bullying entre os alunos. Assim, o bloco I contempla itens que identificam os alunos vítimas (por exemplo, item 1 - Empurraram-me com violência; item 7 - Chamaram-me nomes ofensivos por causa da forma como falo), e o bloco II, itens que identificam os alunos agressores (por exemplo, item 16 - Gozei e insultei um colega por causa da roupa dele; item 18 - Chamei nomes ofensivos a um(a) colega por causa da forma como fala); e o bloco III, que abrange itens que identificam os alunos espectadores de situações de bullying (por exemplo, item 23 - Empurrar um(a) colega com violência; item 28 - Insultar um colega por causa de alguma característica física (ex.: alto, baixinho, cabelo feio...)). Para efeitos de interpretação dos resultados, uma pontuação mais baixa no questionário e em suas dimensões corresponde a um nível baixo de situações de bullying na escola. As pontuações brutas foram transformadas em pontuações ponderadas, que foram então usadas para classificar os alunos em três categorias de frequência de bullying: "Nunca", "Uma ou duas vezes" e "Várias vezes". Em relação às propriedades psicométricas, o questionário apresentou na presente amostra, um coeficiente geral alfa de Cronbach de .93, e em cada uma de suas dimensões: .86 para a dimensão de vítimas, .83 para a dimensão de agressores e .92 para a dimensão de espectadores. Esses valores dos coeficientes de precisão aqui obtidos são considerados adequados, pois a literatura considera aceitáveis valores iguais ou superiores a .65 (Kalkbrenner, 2021).

2.3. Procedimentos

Antes da aplicação do instrumento de coleta de dados, as direções das escolas envolvidas foram consultadas e os objetivos e a pertinência da investigação foram explicados. Após essa etapa, os alunos foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: estar matriculados regularmente no 8º, 9º e 10º ano do ensino secundário, estar presentes em sala de aula no momento da aplicação do questionário e ter capacidade física ou mental para respondê-lo. Em conformidade com as normas éticas de pesquisas com seres humanos, a participação dos alunos menores de idade (com menos de 18 anos) foi garantida mediante a assinatura de um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), após a obtenção do consentimento dos seus responsáveis por meio da assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Quanto aos demais alunos que atenderam aos critérios de inclusão, a sua participação foi confirmada por escrito mediante a assinatura do respectivo TCLE. A participação foi voluntária e anônima, e os alunos foram devidamente informados sobre os objetivos, os procedimentos e os riscos do estudo.

É importante destacar que, antes da aplicação final do instrumento, foi realizada sua validação aparente com 12 alunos (4 por ano), pois é de origem estrangeira (International Test Commission

[ITC], 2017). Nesta fase, foram identificadas algumas dificuldades de compreensão semântica por parte dos alunos, sendo efetuadas algumas alterações pontuais em certos termos dos itens para adequar a sua semântica à língua portuguesa falada em Moçambique. A aplicação do questionário ocorreu em sala de aula e durou cerca de 15 minutos, em tempos cedidos pelos professores. Foi aplicada a estatística descritiva e inferencial para analisar a prevalência do bullying e a sua variação de acordo com as variáveis sociodemográficas. O tamanho do efeito foi calculado a partir do *d* de Cohen e do η^2 ao quadrado (η^2) para estimar a magnitude das diferenças entre os resultados. A magnitude do tamanho do efeito tem sido interpretada como um índice de relevância da diferença entre os resultados. Assim, quanto maior o tamanho do efeito, maior a diferença entre os grupos e maior a relevância dos resultados. Cohen (1988, 1992) classificou os tamanhos de efeito da seguinte forma: *d* = .2 pequeno, *d* = .5 médio e *d* = .8 grande; η^2 = .01-.05 pequeno, η^2 = .06-.13 médio e η^2 = .14 ou mais, grande.

A coleta de dados ocorreu em setembro de 2023. Os resultados brutos obtidos foram ponderados de acordo com o número de itens que compõem o questionário e cada um dos blocos ou dimensões. Os dados foram tabulados e analisados no programa informático Statistical Package for the Social Sciences (SPSS – versão 27.0). Para todas as análises, foi considerado o nível de significância *p* < .05.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta as taxas de prevalência do bullying entre os alunos da nossa amostra. Nossos resultados mostram que a prevalência de bullying entre alunos do ensino secundário é alta. A taxa de prevalência foi de 69,4%, indicando que os alunos da amostra se envolveram em pelo menos um ato de bullying nos últimos 2 meses. No que se refere ao grau de envolvimento em atos de bullying, todos os alunos do grupo em questão foram vítimas, enquanto a taxa de agressores foi de 39,5% e a de espectadores atingiu os 50,2%.

Tabela 1: Estatística descritiva da prevalência do bullying

Tipo de envolvimento	Amostra n(%)	Nunca n(%)	Uma a duas vezes n(%)	Várias vezes n(%)
Vítimas	271	0 (0)	261 (96.3)	10 (3.7)
Agressores	271	164 (60.5)	104 (38.4)	3 (1.1)
Espectadores	271	132 (48.7)	125 (46.1)	11 (4.1)
Total	271	80 (29.5)	184 (67.9)	4 (1.5)

Fonte: Autores (2024).

A alta taxa de prevalência de bullying entre os alunos adolescentes, constatada neste estudo, também foi observada na vasta literatura da área (Aboagye et al., 2021; Eyuboglu et al., 2021; Jadambaa et al., 2019). Na presente amostra, todos os alunos reportaram ter sido vítimas pelo menos uma ou várias vezes nos últimos dois meses. Esse resultado é superior ao encontrado por Pengpid e Peltzer (2020) em uma amostra mais robusta de alunos moçambicanos. Dessa forma, os atos de bullying foram mais intensos e abrangentes na amostra aqui estudada. Entretanto, considerando a discrepância entre o alto número de vítimas (100%) e o baixo número de agressores (39,5%), pode ser um sinal de que os atos de agressão são muito frequentes e os agressores têm muitas vítimas preferenciais. Além disso, o tipo de instrumento utilizado para identificar o envolvimento de cada indivíduo em atos de bullying pode ter influenciado essa situação. Por ser um instrumento de

autorrelato, é possível que os agressores tenham evitado se identificar por receio de represálias ou para manter uma boa imagem social.

Com o intuito de analisar diferenças na prevalência do bullying considerando o sexo, observou-se que, apesar de os meninos exibirem médias gerais elevadas de comportamentos de bullying em comparação com as meninas, os resultados não são significativos. A mesma situação se verifica na dimensão vítima, onde as médias são muito próximas, o que sugere uma percepção semelhante de vitimização entre meninos e meninas. No entanto, os resultados foram significativos nas dimensões agressor ($t = 2,287$; $p < .05$) e espectador ($t = 1,990$; $p < .05$). O tamanho do efeito, medido pelo d de Cohen, foi $d = .28$ na dimensão de agressor e $d = .24$ na dimensão de espectador, indicando um efeito pequeno. Esses resultados podem ser melhor visualizados na Tabela 2.

Tabela 2: Manifestações do bullying tomando o sexo

Tipo de envolvimento	Sexo	N	M	DP	t	Sig	d
Vítima	Masculino	139	2.06	.234	1.883	.06	.23
	Feminino	132	2.02	.123			
Agressor	Masculino	139	1.47	.529	2.287	.02	.28
	Feminino	132	1.33	.489			
Espectador	Masculino	138	1.62	.584	1.990	.04	.24
	Feminino	130	1.48	.560			
Total	Masculino	138	1.76	.492	1.554	.12	.19
	Feminino	130	1.67	.472			

Fonte: Autores (2024).

Diferentemente da maioria dos estudos anteriores (Chu et al., 2019; Eyuboglu et al., 2021; Fenny; Falola, 2020; Galal et al., 2019; Gomes et al., 2022; Malta et al., 2019; Silva et al., 2020), esta investigação não encontrou diferenças significativas entre meninos e meninas em termos de prevalência do bullying. Contudo, a pesquisa atual é coerente com o estudo de Costa et al. (2015), que não identificou diferenças de gênero em experiências de bullying entre adolescentes escolares brasileiros. Da mesma forma, especificamente, a ocorrência de bullying não diferiu de forma significativa conforme o papel assumido de vítima, resultado semelhante ao obtido por Eyuboglu et al. (2021) e Peltzer e Pengpid (2020). Esse fato provavelmente está ligado aos diversos papéis e normas de gênero assumidos em cada contexto cultural, o que requer uma investigação mais aprofundada.

Em relação ao papel de agressor e espectador, o presente estudo constatou diferenças significativas entre meninos e meninas. Nesse aspecto, os meninos se envolveram mais em bullying, tanto como agressores quanto como espectadores, do que as meninas, o que dialoga com a maioria dos estudos anteriores (Chu et al., 2019; Eyuboglu et al., 2021; Fenny; Falola, 2020; Galal et al., 2019; Malta et al., 2019; Silva et al., 2020). Uma possível explicação para isso são os fatores culturais, pois em nossa comunidade os meninos são mais frequentemente estimulados a serem mais valentes e fisicamente fortes do que as meninas. No entanto, a diferença aqui constatada não implica necessariamente que os meninos sejam mais agressivos. É provável que esteja relacionado ao tipo de bullying mais praticado e observado. Diversos estudos (Bulach et al., 2003; Gomes et al., 2022; Naveed et al., 2020; Silva et al., 2020) apontaram para uma maior tendência de os meninos praticarem o bullying físico de forma mais aberta, sendo mais fácil de identificar, enquanto as meninas têm participado mais de formas indiretas de bullying, sendo mais difíceis de identificar, como fofocas, provocações e rejeições verbais. Desta forma, isso poderia explicar, por um lado, a não ocorrência de diferenças estatísticas significativas na prevalência do bullying entre os sexos no presente estudo.

De seguida, na Tabela 3, é analisada a ocorrência de bullying de acordo com o ano escolar frequentado. Para uma melhor compreensão dos resultados, é também apresentada a média de idades por ano escolar. Como se pode ver, os resultados revelam oscilações nos resultados médios totais relativos ao grau e tipo de envolvimento em bullying. De modo geral, os alunos do 9º ano (M=1,93; DP=.39) foram os que mais se envolveram em atos de bullying, em comparação com os alunos do 8º ano (M=1,49; DP=.50) e do 10º ano (M=1,74; DP=.44). Essa situação justificou a ocorrência de diferenças estatisticamente significativas na prevalência do bullying (F=21,745; p<.05).

Além disso, os alunos do 9º ano se destacaram por serem mais vítimas e espectadores, seguidos pelos alunos do 10º ano. No entanto, os resultados não acusaram diferenças significativas na dimensão de agressor. Ao se avaliar a magnitude dessas diferenças, o tamanho do efeito, representado por eta quadrado (η^2), foi de .14 para a prevalência do bullying, indicando uma grande diferença entre os grupos. A mesma situação se verificou na dimensão espectador. Por sua vez, para a dimensão de vítima, o tamanho do efeito foi de .04, revelando uma diferença pequena.

Tabela 3: Manifestações do bullying em função do ano escolar e idade

Tipo de envolvimento	Ano escolar	N	M	DP	Idade	F	Sig	n ²
Vítima	8º ano	95	2.00	.00	14.0	5.747	.004	.04
	9º ano	89	2.09	.28	15.4			
	10º ano	87	2.02	.15	16.1			
Agressor	8º ano	95	1.31	.46	14.0	2.842	.060	.02
	9º ano	89	1.46	.54	15.4			
	10º ano	87	1.46	.52	16.1			
Espectador	8º ano	95	1.27	.44	14.0	21.626	.000	.14
	9º ano	89	1.78	.61	15.4			
	10º ano	87	1.61	.53	16.1			
Total	8º ano	95	1.49	.50	14.0	21.745	.000	.14
	9º ano	89	1.93	.39	15.4			
	10º ano	87	1.74	.44	16.1			

Fonte: Autores (2024)

Ao visualizar os resultados na Tabela 3, nota-se uma ligeira progressão na idade conforme o ano escolar, ou seja, os alunos do 8º ano eram mais jovens em comparação aos alunos do 9º e 10º anos. O fato de os alunos do 9º ano apresentarem maiores níveis de bullying diverge do que é reportado pela maioria dos estudos (Aboyage et al., 2021; Eyuboglu et al., 2021; Malta et al., 2019; Peltzer; Pengpid, 2020; Wang et al., 2022) ao se considerar sua média de idade, que foi de aproximadamente 15,4 anos. De maneira geral, esses estudos indicam que o bullying é mais prevalente em alunos com idades entre 11 e 13 anos, enquanto sua incidência tende a diminuir a partir dos 15 anos.

Conforme evidenciado por Aboyage et al. (2021), os adolescentes com 15 anos ou mais apresentavam menor probabilidade de serem vítimas de bullying do que os de 14 anos ou menos. De acordo com os autores, isso poderia estar associado ao fato de os adolescentes mais velhos possuírem maior força física e resistência mental, o que os ajuda a resistir ou a se proteger de situações de intimidação. Em contrapartida, os adolescentes mais novos podem não ter a capacidade de lidar efetivamente com desafios físicos ou conflitos cognitivo-emocionais nesta fase inicial da adolescência. Consistente com os achados de Costa et al. (2015), o presente estudo constatou que a idade mais jovem diminui

o envolvimento em situações de bullying. As possíveis razões para isso podem estar relacionadas a outras variáveis pessoais que não podemos explorar aqui, bem como aos diferentes papéis assumidos por esses alunos, o que necessita de mais investigação.

A Tabela 4 apresenta os resultados da análise da prevalência do bullying segundo a estrutura familiar (número de irmãos e tipo de parentesco). Constatou-se que os alunos com mais de cinco irmãos apresentaram médias elevadas de envolvimento em bullying, embora não tenham sido verificadas diferenças significativas nos resultados globais. Em relação aos papéis assumidos, os resultados foram significativos somente na dimensão de agressor ($F = 3,933$; $p < .05$), com um tamanho do efeito (η^2) de .030, o que sugere um pequeno efeito.

Considerando o tipo de parente com quem o aluno vive, observou-se que os alunos de famílias monoparentais (com a mãe como responsável) apresentaram maiores probabilidades de vitimização ($F = 4,132$; $p < .05$). A magnitude dessa diferença (η^2) foi de .039, indicando um efeito pequeno. Embora haja um maior número de alunos agressores e espectadores em famílias compostas por pai e mãe, os resultados não foram estatisticamente significativos.

Tabela 4: Variação do bullying em função da estrutura familiar

Tipo de envolvimento	Variáveis	N	M	DP	F	Sig	η^2	
Vítima	[1-2]	76	2.04	.19	.400	.670	.003	
	Nº de irmãos [3-5]	103	2.05	.21				
	[+ de 5]	84	2.02	.15				
Agressor	[1-2]	76	1.33	.50	3.933	.021	.030	
	Nº de irmãos [3-5]	103	1.35	.49				
	[+ de 5]	84	1.53	.52				
Espectador	[1-2]	76	1.53	.59	.125	.883	.001	
	Nº de irmãos [3-5]	103	1.54	.59				
	[+ de 5]	84	1.57	.54				
Total	[1-2]	76	1.67	.50	.525	.592	.004	
	Nº de irmãos [3-5]	103	1.71	.51				
	[+ de 5]	84	1.75	.43				
Vítima	Parente	Pai	52	2.04	.19	4.132	.015	.039
		Mãe	59	2.10	.30			
		Pai & Mãe	96	2.00	.00			
		Outro	56	2.02	.13			
Agressor	Parente	Pai	52	1.42	.49	.216	.885	.039
		Mãe	59	1.39	.52			
		Pai & Mãe	94	1.44	.53			
		Outro	55	1.38	.48			
Espectador	Parente	Pai	52	1.62	.59	.49	.684	.005
		Mãe	59	1.51	.62			
		Pai & Mãe	94	1.55	.54			
		Outro	55	1.49	.57			
Total	Parente	Pai	52	1.75	.48	.244	.866	.002
		Mãe	59	1.73	.55			
		Pai & Mãe	94	1.71	.45			
		Outro	55	1.67	.47			

Fonte: Autores (2024).

Os resultados patentes na Tabela 4 revelam que os alunos que vivem com mais irmãos se envolveram mais em atos de agressão na escola. Talvez esses adolescentes tenham vivenciado diferentes formas de violência em casa. Um estudo conduzido por Silva et al. (2021) parece apoiar essa conclusão, ao constatar uma prevalência elevada de intimidação entre alunos que estavam expostos à violência doméstica praticada pelos irmãos. Nesse sentido, a qualidade das relações estabelecidas com os irmãos no seio da convivência familiar pode funcionar como fator protetor ou de risco para o estabelecimento de relações saudáveis no ambiente escolar. Galal et al. (2019) relataram que ser vítima de bullying está significativamente relacionado ao facto de se estar exposto a brigas e a ataques físicos e verbais, bem como a abusos domésticos. Segundo os autores, isso pode ser explicado pelo ambiente de estresse em que essas crianças vivem, bem como pela possibilidade de imitarem esse comportamento agressivo na escola.

Outro resultado relevante observado no presente estudo refere-se ao fato de que viver somente com a mãe está significativamente relacionado à vitimização escolar em condições familiares desfavoráveis. Isso pode refletir, em algum momento, as diferenças sociais e culturais presentes em cada família, assim como as dificuldades enfrentadas por mães solteiras para oferecer suporte a seus filhos na adoção de medidas preventivas para lidar com esse fenômeno. Nesse sentido, considerando que a família é um dos principais ambientes de socialização e preparação para a vida adulta dos adolescentes, os alunos que vivem apenas com suas mães podem enfrentar a falta de suporte social necessário para desenvolver resiliência e a capacidade de lidar com problemas de forma independente. Resultados semelhantes foram apresentados em outras pesquisas, como as de Oliveira et al. (2016) e Ayas (2012). Neste sentido, Oliveira et al. (2016) verificaram que a monitorização dos pais contribuía para a diminuição do envolvimento em atos de bullying. Em seu estudo, Ayas (2012) concluiu que os pais que adotam atitudes negligentes em relação aos filhos estão mais propensos a serem vítimas de bullying do que aqueles cujos pais adotam uma abordagem permissiva ou democrática. Em suma, embora neste estudo não tenhamos analisado especificamente os estilos parentais, os resultados aqui obtidos podem indicar um ponto crucial na prevenção da vitimização escolar: a participação e o acompanhamento dos pais na vida dos filhos. Este é um fator já descoberto em diversos estudos (Martínez et al., 2019; Ramadia; Putri, 2019; Saleh et al., 2021).

Por fim, tendo em conta que o bullying pode manifestar-se de diferentes formas consoante o ambiente escolar, um dos objetivos do presente estudo foi explorar diferenças entre os alunos em função da sua origem escolar (urbana e periurbana). Os resultados mostraram que a pontuação geral dos alunos das escolas periurbanas foi mais alta ($M = 1,75$; $DP = .47$) do que a dos alunos das escolas urbanas ($M = 1,65$; $DP = .50$) e em todas as dimensões avaliadas. Entretanto, não foram encontradas diferenças significativas na ocorrência de bullying entre os alunos, consoante a sua origem escolar. Este resultado contrasta com pesquisas anteriores (Galal et al., 2019; Romão; Coelho, 2020; Wang et al., 2022), que identificaram elevados índices de comportamentos de bullying entre estudantes de escolas rurais. Esta conclusão parece necessitar de uma investigação mais aprofundada, uma vez que alguns estudos sugerem o oposto (Sousa et al., 2019).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal deste estudo foi avaliar a prevalência do bullying entre adolescentes no ambiente escolar. Os resultados do estudo salientam a necessidade de prestar maior atenção ao fenômeno do bullying nas escolas secundárias da cidade de Montepuez. Como ficou evidente, a ocorrência de

bullying é elevada, dado que todos os alunos relataram ter sido vítimas pelo menos uma vez num período de dois meses. A proporção de alunos que se identificaram como agressores foi inferior à proporção daqueles que se consideraram vítimas, e metade dos alunos afirmou ter testemunhado situações de intimidação. Ao se analisarem esses resultados em um contexto mais amplo, reforça-se a ideia já sustentada pela literatura de que o bullying se manifesta de forma mais acentuada na adolescência. Além disso, neste estudo, observou-se que, nesta fase, o bullying pode assumir diversas formas, consoante características como o sexo, o ano escolar, a idade, a estrutura familiar (número de irmãos e tipo de parentesco) e a localização da escola (urbana ou periurbana).

Os resultados indicaram que o bullying é mais frequente entre os meninos do que entre as meninas, considerando os papéis de agressor(a) e espectador(a). É importante salientar que esta constatação não implica necessariamente que os meninos sejam mais agressivos, mas pode refletir as diferentes formas de comportamento agressivo adotadas por homens e mulheres. Por sua vez, os alunos do 9º ano, com idade média de cerca de 15 anos, demonstraram maior envolvimento em casos de bullying, enquanto os alunos mais novos mostraram uma participação significativamente menor nesses atos. Este dado contrasta com a maioria dos estudos anteriores, sugerindo a necessidade de mais estudos sobre essa questão. Quanto à estrutura familiar, a maioria dos alunos agressores provinha de famílias com mais irmãos, enquanto as vítimas viviam apenas com a mãe. Esses resultados relevam a importância de compreender as relações e interações dos agressores nos seus diferentes contextos, de modo a delinear ações específicas. Ademais, os dados mostraram que não houve diferenças significativas nos relatos de bullying entre alunos de escolas urbanas e periurbanas, o que pode indicar que o fenômeno ocorre no ambiente escolar, independentemente da sua localização.

O elevado índice de bullying observado no presente estudo sugere que muitos alunos correm o risco de serem vítimas desse fenômeno por parte dos colegas na escola. Características individuais e contextuais, como o sexo, o ano escolar, a idade e a estrutura familiar, emergiram como fatores de risco para o bullying. A interação desses fatores torna essencial uma abordagem abrangente para compreender e combater o bullying. A produção de conhecimento nesta área é fundamental para embasar estratégias de intervenção voltadas para a prevenção e promoção do bem-estar no ambiente escolar, especialmente considerando que os estudos sobre bullying ainda são incipientes no contexto moçambicano.

Embora tenha sido envolvida uma amostra diversificada de participantes em termos de origem (escolar e familiar), é necessário considerar algumas limitações deste estudo. Por se tratar de um estudo transversal baseado em autorrelatos, os dados reportados pelos participantes podem estar sujeitos a vieses de desejabilidade social. Outra limitação foi a impossibilidade de realizar inferências causais, o que impede interpretações robustas das associações entre o bullying e as variáveis pessoais e contextuais. Nesse sentido, futuros estudos devem procurar superar essas limitações, incluindo uma amostra mais ampla de outras escolas secundárias fora da cidade de Montepuez. Além disso, seria também interessante investigar a relação entre o bullying e o desempenho escolar e a permanência na escola.

5. REFERÊNCIAS

ABOAGYE, R. G.; SEIDU, A. A.; HAGAN, J. E.; FRIMPONG, J. B.; BUDU, E.; ADU, C.; AHINKORAH, B. O. A multi-country analysis of the prevalence and factors associated with bullying victimisation among in-school adolescents in sub-Saharan Africa: evidence from the global school-based health

survey. **BMC psychiatry**, London, v. 21, n.325, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s12888-021-03337-5#citeas>. Acesso em: 6 nov. 2024

AYAS, T. The effect of parental attitudes on bullying and victimizing levels of secondary school students. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, [S.I.], v. 55, p. 226-231, November, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042812039602>. Acesso em: 7 nov. 2024

BULACH, C.; FULBRIGHT, J. P.; WILLIAMS, R. Bullying behavior: what is the potential for violence at your school? **Journal of Instructional Psychology**, [S.I.], v. 30, n.2, p. 156-165, June, 2003. Disponível em: <https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA105478985&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=00941956&p=HRCA&sw=w&userGroupName=anon%7E50f536bf&aty=open-web-entry>. Acesso em 7 nov. 2024

CANO-ECHEVERRI, M. M.; VARGAS-GONZÁLEZ, J. E. Actores del acoso escolar. **Revista Médica de Risaralda**, [S.I.], v.24, n.1, p.61-63, Jan-jun. 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S012206672018000100011&script=sci_arttext. Acesso em 6 nov. 2024

COSTA, M. R. D.; XAVIER, C. C.; ANDRADE, A. C.; PROIETTI, F. A.; CAIAFFA, W. T. Bullying among adolescents in a Brazilian urban center—"Health in Beagá" Study. **Revista de saúde pública**, São Paulo, v.49, n.56, p.1-10, August, 2015. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/rsp/2015.v49/56/en/>. Acesso em 8 out. 2024

CHU, X. W., FAN, C. Y., LIAN, S. L., & ZHOU, Z. K. Does bullying victimization really influence adolescents' psychosocial problems? A three-wave longitudinal study in China. **Journal of affective disorders**, [S.I.], v.246, p. 603-610, March, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165032718321566>. Acesso em: 7 out.2024

CEREZO, F.; RUIZ-ESTEBAN, C.; LACASA, C. S.; GONZALO, J. J. Dimensions of parenting styles, social climate, and bullying victims in primary and secondary education. **Psicothema**, Ovideo, v. 30, n.1, p.59-65, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/727/72754594010/>. Acesso em: 9 set. 2024

COHEN J. **Statistical power analysis for the behavioral sciences**. 2th ed. New York: Lawrence Erlbaum, 1988.

COHEN, J. A power primer. **Psychological Bulletin**, [S.I.], v. 112, n.1, p.155-159, July, 1992. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/buy/1992-37683-001>. Acesso em: 10 set.2024.

CHUI, W. H.; CHAN, H. C. Self-control, school bullying perpetration, and victimization among Macanese adolescents. **Journal of Child and Family Studies**, [S.I.], v. 24, p. 1751-1761, May, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10826-014-9979-3>. Acesso em 11 ago. 2024.

EYUBOGLU, M.; EYUBOGLU, D.; PALA, S. C.; OKTAR, D.; DEMIRTAS, Z.; ARSLANTAS, D.; UNSAL, A. Traditional school bullying and cyberbullying: Prevalence, the effect on mental health problems and self-harm behavior. **Psychiatry research**, [S.I.], v. 297, p.1-10, January, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0165178121000275>. Acesso em abr. 2024

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. São Paulo: Verus, 2005.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**. 6ª ed. Campinas-SP: Verus, 2011.

FENNY, O.; FALOLA, M. I. Prevalence and correlates of bullying behavior among Nigerian middle school students. **International journal of offender therapy and comparative criminology**, [S.I.], v. 64, n.5, p.564-585, February, 2020. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0306624X20902045>. Acesso em: abr. 2024

GALAL, Y. S.; EMADELDIN, M.; MWAFY, M. A. Prevalence and correlates of bullying and victimization among school students in rural Egypt. **Journal of the Egyptian Public Health Association**, [S.I.], v.94, n.18, p.1-12, June, 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s42506-019-0019-4>. Acesso em: 20 jul.2024

GOMES, N. R., MUNIZ, L. C., MINTEM, G. C., KAUFMANN, C. C., & BIELEMANN, R. M. Vitimização por bullying e fatores associados entre escolares de um município do Sul do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.29, n.2, Fevereiro, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2024.v29n2/e16092022/pt/>. Acesso em: 25 set. 2024

INTERNATIONAL TEST COMMISSION [ITC]. **The ITC Guidelines for Translating and Adapting Testes** (Second edition), [S.I.],2017. Disponível em: <https://www.intestcom.org/>. Acesso em: 3 fev. 2024

JADAMBAA, A.; THOMAS, H. J.; SCOTT, J. G; GRAVES, N.; BRAIN, D.; PACELLA, R. Prevalence of traditional bullying and cyberbullying among children and adolescents in Australia: A systematic review and meta-analysis. **Australian & New Zealand Journal of Psychiatry**, [S.I.], v.53, n.9, p.878-888, May, 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0004867419846393>. Acesso em 28 Mar. 2024.

KALKBRENNER, M. T. Alpha, omega, and H internal consistency reliability estimates: Reviewing these options and when to use them. **Counseling Outcome Research and Evaluation**, London, v.14, n. 1, p. 77-88, July, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/21501378.2021.1940118>. Acesso em: 4 jan.2024.

LOPES NETO, A. A. **Bullying: Saber Identificar e Como Prevenir**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MALTA, D. C.; MELLO, F. C.; PRADO, R. R; SÁ, A. C.; MARINHO, F.; PINTO, I. V.; SILVA, M. A. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.24, n.4, p.1359-1368, Abril, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/qY5nGMDwgSvVfBvHL76ZKwg/>. Acesso em: 11 mar.2024

MANZINI, R. G.; & BRANCO, A. U. **Bullying: Escola e Família Enfrentando a Questão**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2017.

MARTÍNEZ, I.; MURGUI, S.; GARCIA, O. F.; GARCIA, F. Parenting in the digital era: Protective and risk parenting styles for traditional bullying and cyberbullying victimization. **Computers in human behavior**, [S.I.], v. 90, p.84-92, January, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0747563218304114>. Acesso em: 16 jun.2024

MERRILL, R. M.; HANSON, C. L. Risk and protective factors associated with being bullied on school property compared with cyberbullied. **BMC public health**, [S.I.], v.16, n. 145, p.1-10, February, 2016. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s12889-016-2833-3>. Acesso em: 23 mar.2024

NAVEED, S.; WAQAS, A.; SHAH, Z.; AHMAD, W.; WASIM, M.; RASHEED, J.; AFZAAL, T. Trends in bullying and emotional and behavioral difficulties among Pakistani schoolchildren: a cross-sectional survey of seven cities. **Frontiers in psychiatry**, [S.I.], v.10, 976, January, 2020. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychiatry/articles/10.3389/fpsy.2019.00976/full>. Acesso em: 25 jun. 2024

NUÑEZ-FADDA, S. M.; CASTRO-CASTAÑEDA, R.; VARGAS-JIMÉNEZ, E.; MUSITU-OCHOA, G.; CALLEJAS-JERÓNIMO, J. E. Bullying victimization among mexican adolescents: Psychosocial differences from an ecological approach. **International journal of environmental research and public health**, Basel, v.17, n.13, p. 4831, July, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/13/4831>. Acesso em: 30 ag.2024

OLIVEIRA, W. A.; SILVA, M. A.; SILVA, J. L.; MELLO, F. C.; PRADO, R. R.; MALTA, D. C. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. **Jornal de Pediatria**, São Paulo, v. 92, n.1, p.32-39, Jan-Feb, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/wbjvcttSCjHD5rMZc3s6ZVm/?lang=en>. Acesso em: 18 fev. 2024

OLWEUS D. Bullying at school: Basic facts and an effective intervention programme. **Promotion & Education**, [S.I.], v.1, n.4, p.27-31, December, 1994. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/102538239400100414>. Acesso em: 22 mar. 2024.

OLWEUS, D. School bullying: Development and some important challenges. **Annual Review of Clinical Psychology**, California, v.9, p. 751–780, January, 2013. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/content/journals/10.1146/annurev-clinpsy-050212-185516>. Acesso em: 12 jun.2024.

OLWEUS, D. **Bullying at School: What We Know and What We Can Do**. Cambridge, MA: Blackwell Publishing, 1993.

OLWEUS, D.; LIMBER, S. P. Bullying in school: evaluation and dissemination of the Olweus Bullying Prevention Program. **American journal of Orthopsychiatry**, Hoboken, v. 80, n.1, p.124 -134, January, 2010. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/buy/2010-13348-015>. Acesso em: 19 abr. 2024

PELTZER, K.; PENGPID, S. Prevalence of bullying victimisation and associated factors among in-school adolescents in Mozambique. **Journal of psychology in Africa**, London, v.30, n.1, p.64-68, March, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14330237.2020.1712809>. Acesso em: 23 mai. 2024.

PENGPID, S.; PELTZER, K. Suicide attempt and associated factors among in-school adolescents in Mozambique. **Journal of Psychology in Africa**, London, v.30. n.2, p.130-134. May, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14330237.2020.1746569>. Acesso em: 27 mai. 2024.

PEREIRA, F. F. **Indisciplina e violência: interpretações de professores de três escolas públicas de ensino secundário geral de Maputo, em Moçambique**. 2016.197f. Tese (Doutoramento em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Programa de Pós-graduação em Educação- Conhecimento e Inclusão Social, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-APCR3C>. Acesso em: 23 jul. 2024.

RAMADIA, A.; PUTRI, R. K. Analisis pola asuh orang tua terhadap kejadian perilaku bullying pada remaja di SMK Negeri Kota Bukittinggi. **Menara Ilmu: Jurnal Penelitian dan Kajian Ilmiah**,

- Yogyakarta, v.13, n.3, p.1-9, Januari, 2019. Disponível em: <https://jurnal.umsb.ac.id/index.php/menarailmu/article/viewFile/1210/1062>. Acesso em 23 jun. 2024
- ROMÃO, A. M.; COELHO, V. A. O efeito do clima escolar e localização da escola sobre o bullying na transição para o 2º ciclo. **International Journal of Developmental and Educational Psychology**, Almeria, v.1, n.1, p.79-92, 2020. Disponível em: <https://dehesa.unex.es/handle/10662/13523>. Acesso em: 24 mai. 2024.
- SALEH, A.; HAPSAH, H.; KRISNAWATI, W.; ERFINA, E. Parenting style and bullying behavior in adolescents. **Enfermería Clínica**, [S. I.], v. 31, n. 5, p. 640-S643, December, 2021. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1130862121001741>. Acesso em 24 mai. 2024.
- SALMIVALLI, C.; LAGERSPETZ, K.; BJÖRKQVIS, T; ÖSTERMAN, K.; KAUKIAINEN, A. Bullying as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior*, Hoboken, v.22, n.1, p.1-15, 1996. Disponível em: [https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/\(sici\)1098-2337\(1996\)22:1%3C1::aid-ab1%3E3.0.co;2-t](https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/(sici)1098-2337(1996)22:1%3C1::aid-ab1%3E3.0.co;2-t). acesso em 24 mai, 2024.
- SEIDU, A. A. Prevalence and correlates of truancy among school-going adolescents in Mozambique: evidence from the 2015 Global School-Based Health Survey. **The Scientific World Journal**, London, May, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1155/2019/9863890>. Acesso em: 7 abr. 2024
- SILVA, G. R; DE LIMA, M. L.; ACIOLI, R. M.; BARREIRA, A. K. Prevalence and factors associated with bullying: differences between the roles of bullies and victims of bullying. *Jornal de pediatria*, São Paulo, v.96, n.6, p.693-701, November–December, 2020. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0021755719301822>. Acesso em: 15 jun. 2024
- SILVA, G. R; DE LIMA, M. L.; ACIOLI, R. M.; BARREIRA, A. K. A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.26, n.3, p.4933-4943, Outubro, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/yyDS4xFjTVpz3szVmW4jzRD/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 3 Ago. 2024
- SOUSA, B. D.; SANTOS, M. A; STELKO-PEREIRA, A. C.; CHAVES, E. D.; MOREIRA, D. D.; PILLON, S. C. Uso de drogas e bullying entre adolescentes brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, 35, p. 1-11, Outubro, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/KHQQR94KpsYXxkyBRzBxJx/?lang=pt>. Acesso em: 13 mai. 2024
- THOMAS, H.J.; CONNOR, J.P.; SCOTT, J.G. Integrating traditional bullying and cyberbullying: Challenges of definition and measurement in adolescents – A review. **Educational Psychology Review, Heidelberg**, v.27, p.135–152, 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10648-014-9261-7>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- WANG, H.; TANG, J.; DILL, S. E; XIAO, J.; BOSWELL, M.; COUSINEAU, C.; ROZELLE, S. Bullying victims in rural primary schools: prevalence, correlates, and consequences. **International journal of environmental research and public health**, Basel, v.19, n.2, n.765, January, 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/19/2/765>. Acesso em: 19 abr.2024
- WOLKE, D.; WOODS, S.; BLOOMFIELD, L.; KARSTADT, L. The association between direct and relational bullying and behaviors problems among primary school children. *The Journal of Child*

Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines, Hoboken, v.41, n.8, p.989-1002, November, 2000.
Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-child-psychology-and-psychiatry-and-allied-disciplines/article/abs/association-between-direct-and-relational-bullying-and-behaviour-problems-among-primary-school-children/06F2117279A4669109AAB67EA9729F6D>.
acesso em: 25 jun. 2024.

Submissão: 08/11/2024

Aceito: 02/01/2025